

“O sofrimento amoroso do homem”: misoginia e discurso de ódio na literatura masculinista de autoajuda

“The amorous suffering of man”: *misogyny and hate speech in manosphere self-help literature*

Mayka Castellano¹ e Vinícius Machado Miguel²

1 Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ). Professora do departamento de Estudos Culturais e Mídia e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: maykacastellano@gmail.com.

2 Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: vinicius.machado.miguel@gmail.com.

Resumo

Neste artigo, examina-se a literatura de autoajuda que circula nos ambientes marcados pelo pensamento masculinista. Os movimentos masculinistas ganharam destaque midiático recentemente, a partir da divulgação de influenciadores e criadores de conteúdo que compartilham nas plataformas de redes sociais misoginia disfarçada de “opiniões polêmicas”. Como objeto, analisa-se a obra de Nessahan Alita, pseudônimo de um autor cuja identidade é desconhecida, mas que funciona como uma espécie de “guru” para homens que se queixam de seu sofrimento no amor. A partir de uma investigação sobre a forma e o conteúdo do que é propagado por esse autor, e repercutido na comunidade que o cerca, avalia-se a relação entre o formato do aconselhamento disseminado pela literatura de autoajuda e o crescimento do discurso de ódio voltado contra as mulheres, assim como pretende-se refletir sobre o impacto dessa mentalidade na formação dos sujeitos contemporâneos que consomem esse tipo de conteúdo.

Palavras-chave Autoajuda, masculinismo, misoginia.

Abstract

This article examines self-help literature that circulates in manosphere environments. Masculinist, or manosphere, movements have gained media prominence recently thanks to the dissemination of influencers and content creators who share misogyny disguised as “controversial opinions” on social platforms. We analyze the work of Nessahan Alita, pseudonym of an anonymous author who acts as a kind of “guru” for men who complain about their suffering in love. By investigating the form and content of what is propagated by this author and echoed in his community, we evaluate the relations between the format of the advice disseminated by self-help literature and the growth of hate speech against women and reflect on the impact of this mentality on contemporary subjects who consume this type of content.

Keywords Self-help, manosphere, misogyny.

A interseção entre o filão editorial da autoajuda e a questão de gênero costuma ser abordada academicamente a partir da profícua produção de livros de aconselhamento voltados às mulheres, manuais para “vencer na vida”, prosperar no trabalho, arrumar um namorado, casar, cuidar de forma adequada de sua casa, de seus filhos, emagrecer,

corresponder a um padrão de beleza socialmente compartilhado etc. (BRUNELLI, 2012; CASTELLANO, 2018). Neste artigo, no entanto, nos dedicamos a analisar outro aspecto dessa relação: a literatura masculinista de autoajuda. Se boa parte da bibliografia de aconselhamento sobre relacionamentos voltada para o público feminino se apropria de uma linguagem que incorpora pressupostos importantes do que ficou conhecido como o pós-feminismo, a literatura masculinista se baseia, de forma geral, em uma resposta (ressentida) de alguns homens ao recrudescimento dos debates sobre gênero e do avanço das pautas feministas.

Os movimentos masculinistas são compostos por homens que compartilham, até certo ponto, uma mesma cosmovisão misógina. De acordo com Scott, Trott e Jones (2020), eles surgiram nos anos 1960, nos Estados Unidos, com pequenos grupos de discussão que debatiam as maneiras pelas quais o patriarcado prejudicava os homens. No entanto, esses grupos se fragmentaram e pouco tempo depois alguns passaram a ter como principal objetivo se opor aos avanços dos movimentos feministas. Hoje, em linhas gerais, reúnem sujeitos, basicamente em ambientes online, para se queixar de seu sofrimento amoroso, criando e propagando teses sobre a inferioridade intrínseca feminina, elaborando estratégias para tentar seduzir “as mulheres como elas são” ou, simplesmente, produzindo memes e piadas que têm como alvo pessoas do sexo feminino, sobretudo aquelas em situação vulnerável ou pertencentes a grupos minoritários.

Assim como o crescimento do debate racial descortinou grupos racistas e fascistas que endureceram suas posições diante dos (ainda modestos) avanços sociais vivenciados por grupos historicamente subalternizados, no âmbito do gênero, essa resposta veio a partir da articulação de grupos masculinistas. Embora não possamos caracterizá-los como uma comunidade uniforme, sua principal agenda está relacionada às queixas sobre uma disparidade entre os gêneros a partir de uma lógica contrária a que costumamos ver: seu argumento central é que, na “guerra do sexo”, as mulheres têm conseguido muitas vantagens, o que as colocaria em uma posição privilegiada em relação aos homens, agora *desempoderados* e vulneráveis. A própria legislação criada para proteger as mulheres vítimas de violência, como a Lei n. 11.340/2006, conhecida como Lei Maria da Penha, é apontada por esses indivíduos como prova do beneficiamento que as mulheres estariam recebendo por parte do Estado.

Mesmo quem não está imerso em ambientes online em que essas temáticas são fortemente discutidas provavelmente já foi exposto a algum tipo de conteúdo que flerta com, ou difunde, o masculinismo. Diversos cortes de videocasts (trechos editados para serem divulgados em redes sociais como TikTok e Instagram) mostram homens debatendo tópicos sobre relacionamentos sempre a partir de opiniões ditas “polêmicas”, como o direito de o homem não desejar se relacionar com mulheres gordas, mais velhas³ ou fora do padrão de beleza, ou ainda, se ressentindo do comportamento delas, consideradas vulgares, promíscuas ou interesseiras. Não por acaso, muitos desses materiais circulam a partir do incômodo de mulheres, que compartilham a postagem em tom de denúncia ou escárnio.

Em fevereiro de 2023, um caso ganhou bastante repercussão: um corte de podcast em que o influenciador Thiago Schutz, conhecido por produzir conteúdo misógino, aparece dando dicas para os homens “pararem de ser bonzinhos” e dizerem o que pensam. Para exemplificar, ele conta o caso de uma mulher que queria que ele tomasse uma cerveja com ela, mas ele foi forte e se recusou, preferindo beber Campari. O trecho viralizou principalmente depois de ser compartilhado por muitas mulheres em tom de deboche, dado o ridículo do episódio. Além de vídeos de reação, elas também produziram paródias. Em uma delas, a atriz e roteirista Lívia La Gato publicou no Instagram um vídeo em que imita um influenciador intitulado macho alfa, que dá dicas a outros homens e cita a questão do Campari. Após a publicação, Schutz mandou uma mensagem privada para Lívia: “Você tem 24 horas para retirar seu conteúdo sobre mim. Depois disso processo ou bala. Você escolhe”. A atriz divulgou a mensagem e registrou um boletim de ocorrência. O caso jogou luz sobre o masculinismo, que passou a ser tema de notícias em grandes portais de jornalismo nas semanas seguintes, com a divulgação, inclusive, do seu léxico característico, formado por termos como “red pill”, “blue pill”⁴ etc.

3 Vale ressaltar que, dentro desse discurso, já são consideradas “velhas” mulheres que se aproximam dos 30 anos.

4 Segundo Miguel (2019, p. 135), “No filme Matrix (1999), dirigido pelas irmãs Wachowski, em determinado momento, Morpheus (Laurence Fishburne) oferece para Neo (Keanu Reeves) uma escolha. Uma pílula vermelha, que seria a verdade, e a pílula azul, que, no caso, seria voltar para a vida numa simulação virtual que todas as pessoas aprenderam a viver. Uma analogia ao Mito da Caverna que se encontra na República de Platão. Os masculinistas se apropriaram dessa metáfora da pílula vermelha como simbolismo para “aceitar a verdade”. No caso, essa realidade que eles defendem é uma bomba ideológica baseada em visões deterministas e biologizantes de gênero. Em que mulheres sempre se interessarão por homens de maior valor social para fazer sexo e depois vão se casar com aqueles mais estáveis. Mas jamais serão felizes com eles e nunca terão vontade real de fazer sexo com seus parceiros, apenas querem alguém para sustentá-las”.

Durante a análise de diferentes grupos masculinistas que se articulam em torno desses criadores de conteúdo, como vloggers e podcasters⁵, um nome apareceu em destaque: Nessahan Alita. Esse pseudônimo⁶ esconde um autor cuja identidade não é conhecida, o que não o impediu de ter uma vasta obra dedicada a revelar “Toda a verdade sobre os relacionamentos modernos que as mulheres não querem que você saiba!”. Embora não tenha nenhum livro publicado por editora, suas obras estão disponíveis na Amazon⁷, com venda de versão impressa sob demanda, a partir de uma editora de autopublicação, e podem ser baixadas gratuitamente em seu site, onde também há uma grande quantidade de conteúdo produzido pelo autor em outros espaços.

Seus principais textos são organizados em torno do título *O sofrimento amoroso do homem*, que conta com quatro volumes: *Como Lidar com Mulheres: Aparentamentos sobre um Perfil Comportamental Feminino nas Relações Amorosas com o Homem* (2004); *O Profano Feminino: Considerações Sobre a Face da Mulher que Ninguém Quer Encarar* (2005); *A Guerra da Paixão: as artimanhas e os truques ardilosos da mulher no amor* (2005); e *Reflexões masculinas sobre a mulher e o amor: algumas heresias que faltaram dizer* (2008). Em um dos volumes ele se apresenta como “Especialista em Abordagem Junguiana, professor de história e geografia, estudioso da consciência e musicista” (ALITA, 2005).

As ideias expressas em seus livros são repetidas tanto por criadores de conteúdo, apresentadores de videocasts, vloggers, podcasts, quanto pela audiência, e são utilizadas por ambos com o intuito de disseminar o pensamento masculinista e dar legitimidade acadêmica para aquilo que está sendo dito. Nos grupos antifeministas no Facebook e em outros espaços desse tipo em redes sociais, usuários costumam comentar “leiam nessahan”, como uma espécie de mantra, e usam frases do autor em seus perfis. No YouTube, muitos canais antifeministas fazem vídeos refletindo sobre suas ideias e todas as suas obras contam com uma versão audiolivro disponível pela plataforma. Dos usuários que dizem “Nessahan Alita nos adverte” antes ou depois de um parágrafo misógino aos que só compartilham

5 Sendo alguns dos principais os canais: Social Arts; Projeto Conselho; Platinho; Copini; Atitude Alfa; A Lei dos Homens; e Submundo Intelectual.

6 Nessahan Alita ao contrário significa Átila Nahassen. Disponível em: <https://amordissidente.wordpress.com/>. Acesso em: 2 mar. 2023.

7 Disponível em: https://www.amazon.com.br/s?i=stripbooks&rh=p_27%3ANessahan+Alita&s=relevancerank&text=Nessahan+Alita&ref=dp_byline_sr_book. Acesso em: 2 mar. 2023.

suas frases, passando por aqueles que fazem vídeos dissecando suas ideias, fica clara a popularidade desse autor dentro dessa comunidade. Desconhecido de grande parte da população brasileira, Nessahan Alita foi bastante lido, teve seu pensamento espalhado em grupos de viés conservador e ajudou a formar uma geração de antifeministas no Brasil.

Neste artigo, procurou-se compreender o espaço da cultura da autoajuda na formação dessa cosmovisão, a partir da avaliação de que tipos de enunciados, conceitos e usos são considerados legítimos para esse grupo. Para isso, analisou-se o primeiro volume da obra de Alita. Ao falarmos em “cultura da autoajuda” (CASTELLANO, 2018), estamos nos referindo, basicamente, ao cenário cultural e social experimentado no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1990, quando o filão editorial da autoajuda começou a se destacar por aqui, com o espraiamento de uma lógica corporativa importada dos Estados Unidos, que ressaltava princípios como eficiência e produtividade. Com o passar dos anos, o gênero começou a ter como objeto não só o universo do trabalho, mas todos os âmbitos da vida:

Os aspectos que aparecem como suscetíveis à intervenção variam de forma espetacular. De consultores de moda a médicos oncologistas, os peritos em múltiplos domínios da vida humana proliferam nos meios de comunicação e estabelecem diretrizes “confiáveis” para ajudar os sujeitos a se vestir, comer, educar os filhos, decorar a casa, cuidar da saúde, da beleza, da autoestima, da carreira, dos animais de estimação, a fazer amigos, economizar dinheiro, emagrecer, engordar e mais uma série de questões subjetivas, como tornar-se mais assertivo, responsável, corajoso, confiante, sexy, controlado, positivo, popular, proativo, ou menos ansioso, estressado, tímido, medroso, dependente, pessimista. (CASTELLANO, 2018, p. 14)

Se, a princípio, a lógica do aconselhamento estava muito associada ao mercado editorial, a partir da publicação de inúmeros best-sellers, na mídia em geral, verificamos um processo que Bauman (1998, p. 222) traduziu como um “surto do aconselhamento”. Ou seja, a presença constante de experts dos mais variados tipos em programas de televisão, de rádio e em colunas específicas de jornais e revistas que incorporam, com peculiares adaptações, o tipo de linguagem propalada pelos livros. Ainda em 2011, Freire Filho já chamava atenção, por exemplo, para a existência de um “jornalismo de autoajuda”. Nos últimos anos, no entanto, a força das plataformas de redes sociais, sobretudo de divulgação de vídeos curtos como o Instagram e o TikTok, criou mais um espaço importante para a presença de

especialistas em absolutamente tudo, muitos deles atuando, agora, sob o título de coach. Partindo da premissa que a atual onipresença dos *coaches* é mais um desdobramento da cultura da autoajuda, este artigo é dedicado a avaliar um tipo específico de aconselhamento e de formação de um tipo particular de influenciador: a autoajuda de base masculinista, a partir do caso de Nessahan Alita.

A forma de Nessahan

Nessahan introduz seu primeiro volume de *Sufrimento Amoroso do Homem: Como lidar com as mulheres* (2005, p. 2) com um texto de advertência. Nele, afirma que seu livro deve ser lido “sob a perspectiva do humor e da solidariedade, jamais da revolta”, que sua obra não apoia “a formação de nenhum grupo sectário”, além de se desresponsabilizar por “más interpretações, leituras tendenciosas, generalizações indevidas ou distorções intencionais”. Tal advertência, no entanto, só deixa explícito que o autor está consciente do tipo de uso que é feito de suas ideias, além de afirmar coisas que são contrapostas ao longo da edição. Nessahan utiliza uma série de táticas para fugir das críticas que ele sabe que vai receber e busca, inclusive, afastar-se dos setores mais odiosos dos movimentos masculinistas, estratégia constantemente utilizada por outros membros de grupos de ódio para se blindar de acusações e dialogar com setores menos radicais. É sintomática, nesse sentido, a quantidade de vezes em que se vê obrigado a repetir coisas como “Espero não ser confundido com um simples machista extremista e dogmático” (2005, p. 9).

Essa estratégia é comum na maneira pela qual os ativistas do ódio se comunicam pela internet. Ela consiste em uma introdução simulando um tom moderado, afastando-se de ideias radicais, para em seguida destilar o discurso violento da maneira historicamente conhecida. Algo que parece ter sido bem aceito, por exemplo, pelo algoritmo do YouTube, que não deleta os vídeos, e nem o da Amazon, que segue disponibilizando para os consumidores os livros do autor. No entanto, é importante notar que não existe diferença substancial entre as crenças dos membros moderados e dos radicais, a discrepância costuma estar nas performances públicas, logo, o que importa para eles é “circular as ideias” e essa estratégia parece ser eficiente.

Em primeiro lugar, ele faz questão de dizer que está falando apenas de um tipo de mulher, “a trapaceira amorosa espertinha” (ALITA, 2005, p. 5), que está somente narrando

seu aspecto “infernado e monstruoso”. Isso, por si só, já constituiria misoginia de acordo com Carlson (2021), pois é um ataque às mulheres que se recusam a se encaixar em padrões de gênero específicos. No entanto, mesmo com seus recortes⁸, ele segue usando o termo abrangente “as mulheres” durante a maior parte do texto. Do mesmo modo, ele diz que homens também apresentam tais características, mas que não caberia conversar sobre isso ali, pois o assunto já teria sido “amplamente debatido”. Apesar disso, o autor não utiliza termos inclusivos como “as pessoas” ou “os humanos” em momento algum, optando por direcionar suas elaborações para o feminino.

Nessahan lança mão da tradicional retórica de muitos autores de autoajuda: afirmar que não escreve autoajuda. Consciente da pecha que o gênero carrega, muitos escritores preferem dizer que fazem outro tipo de escrita, seja ela aspirante à literatura “séria” ou à ciência. Não obstante, apresentam o aconselhamento como fio condutor da sua obra e recorrem às características que tradicionalmente conformam o gênero. Embora seja um filão editorial que comporta títulos muito diferentes entre si, como característica comum podemos apontar o “objetivo de aconselhar/guiar o leitor em suas práticas diárias e em suas relações consigo mesmo e com os outros” (CASTELLANO, 2018, p. 13). Ou seja, são livros que fornecem “dicas, manuais, reflexões que pretendem auxiliar os indivíduos a tomar decisões e a pautar seu comportamento, com o propósito de garantir um aprimoramento emocional, profissional, espiritual, intelectual” (ibidem).

A construção do discurso na autoajuda se dá, normalmente, a partir da figura dos especialistas autoproclamados. E Nessahan não foge a essa regra. O autor se coloca como um “Guru do Amor” para os homens que sofrem nas mãos das mulheres e, seguindo a cartilha do gênero, utiliza sua própria vivência para se impor como um expert no comportamento feminino, afirmando que resolveu compartilhar o conhecimento que adquiriu “em duras experiências” (ALITA, 2005, p. 7).

Segundo Illouz (2008), a cultura do aconselhamento precisa necessariamente ser generalista e ignorar os detalhes e as nuances da formação fragmentada das sociedades

⁸ Logo no início da introdução, no entanto, o autor reforça que, no livro, retrata “o lado negativo, a face obscura e destruidora do feminino, a qual infelizmente corresponde nos decadentes dias atuais a uma boa parte das mulheres existentes” (sic) (ALITA, 2005, p. 6).

contemporâneas. É um gênero textual que só funciona por meio de um sujeito que consegue se vender como legítimo⁹, que adquiriu um conhecimento amplo em um determinado campo do saber e se apresenta como aquele que pode ajudar quem precisa. Nesse caso específico, Nessahan se coloca como um sujeito que descobriu “a verdade” e quer espalhá-la para todos os homens que sofrem por amor.

Para isso, usa frases de autores legitimados na Academia e no imaginário, em sua maioria filósofos famosos usados fora de contexto. A frase “Quando eu era jovem, não entendia porque certos filósofos e escritores diziam que necessitávamos nos desapegar das mulheres” (ALITA, 2005, p. 6) é bastante significativa dessa estratégia. Aqui, o autor se refere a figuras como Nietzsche, Schopenhauer e Kant, além de mencionar as “advertências” feitas sobre as mulheres em livros sagrados como a Bíblia e o Alcorão. Além de passar a impressão de que é um grande especialista nesses autores e um pensador experiente, Nessahan ignora totalmente as sociedades e os tempos históricos em que esses intelectuais viveram e as relações de gênero existentes nesses momentos, construindo correlações absolutamente anacrônicas, mas a partir dessa desonestidade retórica ele inventa um vínculo fundador entre o pensamento filosófico e o ódio de gênero.

O pretense intelectualismo masculinista se legitima por fugir dos contextos 1) histórico em que as obras foram escritas; 2) da obra daquele autor; e 3) dos diálogos de formação do campo em que aquelas obras foram inscritas. Existe um esvaziamento dos signos e de todo o debate que envolve esses sujeitos. Então, para Nessahan, o fato de Nietzsche e Schopenhauer terem produzido obras misóginas tem mais a ver com “a natureza das mulheres” do que com a relação de gênero da Alemanha do século XIX. A mulher é apresentada como um ser desprovido de história e cultura, que simplesmente passa a existir com a função central de atrapalhar o homem. Argumenta-se, neste artigo, que essa fraqueza teórica é, na verdade, um dispositivo necessário para a construção do enunciado de autoajuda que promove discurso de ódio, constituindo-se como um subgênero da literatura de aconselhamento.

⁹ O autor afirma que esse é um campo quase científico: “A habilidade em lidar com o lado obscuro das mulheres consiste na assimilação de um conjunto de conhecimentos que quase chegam a constituir uma ciência” (ALITA, 2005, p. 5).

Outra questão a ser analisada é a natureza Romântica (CAMPBELL, 2001) e autêntica, presente no trabalho de Nessahan, que o enquadra em uma estratégia de posicionamento que lembra a figura de Olavo de Carvalho. Em sua página na Amazon¹⁰, ele se descreve como um “livre pensador”. Essa postura do sujeito individualista que se sente fora dos dogmas da sociedade e da Academia e se coloca como um intelectual original e rebelde ajuda a consolidar uma posição em que, desprendido das limitações éticas e institucionais e dos rigores científicos, pode reciclar pensamentos misóginos, tentando trazê-los para o debate político.

Conforme Taylor (2011) descreve, vivemos em um período da história em que a diferença entre os seres humanos passa a ter um valor moral, o que ele chama de ética da autenticidade. Esse efeito é mais profundo se o sujeito consegue de maneira carismática construir um vínculo com seu público. No caso de Nessahan, em sua maioria, homens frustrados com relacionamentos românticos. Pessoas que já se sentem alheias à sociedade. O autor, então, coloca-se como aquele que tem conhecimento teórico para validar as maneiras vulgares com que os argumentos são frequentemente descritos.

Nessahan insiste para seus interlocutores que quer ser lido de forma cômica¹¹, utilizando todo tipo de piada durante a tecitura de sua narrativa. Esse tipo de enunciado, comum nas direitas conservadoras, na verdade faz parte de uma estratégia de lembrar aos outros sujeitos de sua posição de inferioridade (CARLSON, 2021). Oring (2003) aponta como o discurso de ódio disfarçado de piada tem o efeito de criar a ilusão que essas ideias são normais e amplamente compartilhadas, algo que ninguém deveria ter vergonha de pensar. Ou seja, o humor implica um pano de fundo comum capaz de criar um senso de comunidade.

10 “O autor NÃO É PSICÓLOGO, sua formação profissional é em outro campo. Ele NÃO É MESTRE e NÃO QUER DISCÍPULOS E NEM SEGUIDORES. Ele NÃO É LÍDER DE NENHUMA RELIGIÃO. Ele apenas gosta de pensar livremente sobre a questão amorosa e acha que possui esse direito. Seus pareceres são PROVISÓRIOS E INDEPENDENTES. O autor publicou suas ideias apenas para que as pessoas as estudassem e discutissem criticamente e recomenda às pessoas que leiam outros livros sobre o assunto. Suas ideias são somente um ponto de partida para aprofundamento e pontes para outros autores e outros pontos de vista. Ele NÃO DÁ ORDENS, apenas faz sugestões que devem ser recebidas criticamente”. Disponível em: https://www.amazon.com.br/Nessahan-Alita/e/B09SGXHTHX%3Fref=dbs_a_mng_rwt_scns_share. Acesso em: 9 set. 2022.

11 “Esta obra deve ser lida sob a perspectiva do humor e da solidariedade, jamais da revolta” (ALITA, 2005, p. 2). “É um ensaio bem humorado, mas que às vezes dá asas ao desabafo, sobre o comportamento feminino e sobre o autopoder masculino” (Ibid, p. 10).

O conteúdo de Nessahan: a mulher

Uma das primeiras estratégias que grupos de ódio (HUNTER, 1991) costumam utilizar nos contextos das guerras culturais é tentar provar que as minorias sociológicas não estão, de fato, em uma posição de fragilidade social. A tentativa de inversão da situação busca colocar os enunciadores no papel da vítima que está perdendo direitos políticos. Essa tática foi amplamente utilizada pelos movimentos masculinistas em seu início (WRIGHT; TROTT; JONES, 2020) e pelo Ku Klux Klan (ORING, 2003).

As mulheres não são oprimidas, elas são perigosas. É a partir desse argumento que Nessahan tenta substituir a ideia de “sexo frágil” por uma visão manipuladora e demoníaca do que é uma mulher. Assim, ao longo do texto, elas aparecem como sujeitos incapazes do uso pleno da razão, que sempre utilizam de artimanhas sádicas de forma inconsciente, instintiva. Ou seja, na visão masculinista, elas não podem nem ser responsabilizadas por seus erros. Dessa forma, cabe ao autor apenas propor estratégias para que o homem se defenda.

Esse tipo de leitura pautada no trope da Guerra dos Sexos reivindica e aprofunda as divisões que já foram historicamente construídas. Ao colocar as mulheres como incapazes de razão, elas adquirem o que Gagliardone (2019) define como *fala extrema*. Primeiramente, ele coloca as mulheres, principalmente as feministas, como pessoas que fazem parte de um antagonismo que “não vale a pena ouvir”. Elas teriam a opinião enviesada por suas próprias limitações intrínsecas.

Em um segundo momento, o descrédito da racionalidade também se transforma na negação da moralidade. Porque “o outro”, no caso a mulher, é incapaz de se portar de forma moral, ele é colocado, então, como a antítese dos valores iluministas. Aquelas que são incapazes de chegar no “bem comum” por meio do pensamento lógico e racional, logo, são interpretadas como se estivessem mais próximas de “um estado de natureza” ou da infância. Jamais adquirindo as características necessárias para um amadurecimento completo, que seriam condições para uma convivência cívica plena.

Embora possamos buscar as origens da relação entre o feminino e um estado primitivo, assim como do medo desencadeado por essa associação, em crenças de povos originários e em livros sagrados (como a Bíblia e o Alcorão, não por acaso citados por Nessahan), é na história mais recente do desenvolvimento da Filosofia Política e das

Ciências Sociais que esse tipo de pensamento criou bases que até hoje reverberam em textos como o que analisamos aqui. Ao comentar o tipo de teoria produzida sobre o tema no final do século XIX e início do XX, época de significativas transformações sociais, e da emergência de uma discussão sistemática sobre o fenômeno das sociedades de massa na Europa, Huyssen (1997, p. 52) afirma que “o medo das massas [...] é também o medo da mulher, um medo da natureza fora de controle, do inconsciente, da sexualidade, da perda de identidade e de bases estáveis para o ego”.

A comparação faria sentido a partir da semelhança entre o comportamento irracional e altamente influenciável encontrado tanto nas massas quanto nos indivíduos do gênero feminino. Tal ideia foi elaborada, por exemplo, por Gustave Le Bon, no livro *Psicologia das multidões*, de 1895, que se tornou um clássico da Psicologia Social. Na obra, o autor comenta o caráter impulsivo, autoritário e regressivo encontrado nas massas, ou multidões, em contraposição à conduta dos indivíduos isolados. Para Huyssen (1997, p. 52), esse texto é bastante exemplar do tipo de pensamento que circulava à época na Europa (produzido por homens brancos das classes altas): “os medos masculinos de uma feminilidade que vai envolvendo tudo estão aqui projetados nas massas metropolitanas, que realmente representavam uma ameaça à racional ordem burguesa”. Quase 130 anos depois, o medo das mulheres segue como leitmotiv em obras produzidas por homens que veem seus privilégios de alguma forma ameaçados. Como já comentamos, no estágio atual, foram os avanços conseguidos pelos movimentos feministas que criaram o terreno fértil para o discurso sobre perda e intimidação.

Voltando ao conteúdo da obra aqui analisada, Nessahan faz uso de palavras como “vadia”, “desocupada”, “perua”, “fêmea” e justifica nas notas de rodapé que está utilizando os usos dicionarizados, em um tipo de construção enunciativa perversa, que serve para colocar as mulheres em uma posição de inferioridade (BUTLER, 2021). Mas, para além do que já foi afirmado em relação ao humor, Nessahan usa esse tipo de chiste para disfarçar o que seria lido como preconceituoso em outros contextos, ou seja, o discurso de ódio aqui se manifesta em um riso possível apenas em uma comunidade que partilha as mesmas concepções misóginas que dão sentido à piada.

Uma outra premissa presente em Nessahan é que as mulheres são incapazes de se entregar verdadeiramente para alguém. Elas sempre teriam algum tipo de interesse por trás de suas ações, e, para conquistar seus objetivos, elas se utilizariam de todos os expedientes à sua disposição: o estímulo ao ciúme, torturas mentais, uma força mental superior, simulação de desinteresse e de fragilidade. Toda a dor emocional do homem seria, então, só mais uma ferramenta no arsenal manipulativo das mulheres.

A mulher inventada por Nessahan não difere muito do negro inventado pelo Ku Klux Klan. Incapazes de terem qualquer forma de compromisso, responsabilidade e capacidade de trabalhar por si, sustentam-se somente pelo ego e pela arrogância. Utilizarão todas as ferramentas possíveis para o benefício próprio e não oferecerão nada em troca. Na bibliografia sobre o discurso de ódio, há bastante ênfase na competição pelos recursos (GAGLIARDONE, 2019; ORING, 2003). A premissa é que existe uma quantidade limitada de recursos e determinado grupo fará o possível para conquistá-los. A mulher de Nessahan é o parasita emocional, com habilidades míticas de manipulação e vontade de acumulação de todos os valores sociais possíveis¹².

Elas só vão amar os homens desinteressados por elas e que sejam destacados em vários ambientes da vida. Apenas homens fortes, seguros, distantes, decididos e calmos podem ser considerados atraentes. Logo, apenas o amor daqueles melhores em todos os sentidos lhes é suficiente. Conseqüentemente, a vasta maioria das mulheres não estará feliz com os homens com quem construirão relações.

O relacionamento romântico com a mulher seria, então, sempre um perigo. As mulheres só veem valor no homem enquanto ele tem algo material para oferecer. As taxas de divórcio são utilizadas como argumento contra o estabelecimento de compromissos como namoro ou casamento, relações sempre fadadas ao fracasso. São convenientemente deixados de lado tópicos como neoliberalismo, hiperindividualização dos sujeitos, enfraquecimento dos laços comunitários, questões teorizadas por Bauman (2001), Illouz (2008), Lasch (1991), Riesman (1995), Sennett (2001) e vários outros para tratar do mesmo tema.

12 O mesmo tipo de discurso foi utilizado antes do genocídio em Ruanda, em 1994, na Alemanha hitlerista e previamente no KKK. Não é de se surpreender que outros crimes de ódio já tenham sido cometidos por pessoas influenciadas por esses movimentos. Tanto no Brasil quanto em outros países. Mais detalhes em Vilaça e D'Andrea (2021).

Nos grupos, esse tipo de enunciado gera um sistema de competição sobre quais atitudes seriam verdadeiramente *Alpha* e quais são *Beta*¹³, gerando discussões internas e debates sobre qual modelo de masculinidade seria mais viril e adequado. Homens considerados gentis, que pagam pensão alimentícia sem reclamar e cuidam de seus filhos após o término dos relacionamentos costumam ser bastante ridicularizados. Já as posturas elogiadas tendem a ser aquelas em que homens recusam a companhia de mulheres para qualquer fim que não seja estritamente sexual.

No livro de Nessahan, o discurso é bastante contraditório, o que é uma característica comum na autoajuda (CASTELLANO, 2018). Embora as mulheres sejam o tempo todo apresentadas como indignas de afeto, por serem perigosas e interesseiras, o autor orienta seus leitores no sentido de serem notados por elas. Assim, para que seja percebido por uma mulher, o homem é incentivado a coisas como *horrizá-la*, mesmo que para isso precise, por exemplo, exibir um comportamento deliberadamente machista¹⁴. Temos aqui uma literatura de aconselhamento que visa guiar “homens bons”, defendendo uma postura invasiva e violenta para chamar a atenção. O homem de elite de Nessahan é o sujeito neoliberal por excelência. Ele seria autêntico (TAYLOR, 2011) e por consequência não poderia ser comparado com outros milhares de Betas que existem por aí. Para além disso, seria competitivo, um *self made man*, que consegue se destacar, a despeito de qualquer questão social existente, e avalia todos os fatores de sua vida como um consumidor olha para um produto (ILLOUZ, 2008; 2019).

No entanto, não surpreende que os conselhos de Nessahan sejam todos visando um medo enorme de qualquer proximidade sentimental com qualquer ser humano do

13 Esses conceitos vieram de uma pesquisa sobre lobos que anos depois foi desmentida pelo próprio autor, o biólogo Rudolph Schenkel, em 1947. Em seu primeiro estudo, feito apenas com lobos em cativeiro, alguns deles se destacavam pelo seu comportamento violento e esses tinham muito mais chances de reproduzir. Schenkel chamou esses lobos de *Alpha* e os demais, que não competiam com esses, ele chamou de *Beta*. Esses resultados não sobreviveram às observações dos lobos em ambiente natural (e raramente entre cativos), logo essas teses foram desmentidas. Essa história pode ser lida em: <https://wolf.org/headlines/44265/>. Acesso em: 8 mar. 2023. No entanto, autores de autoajuda masculinista adotaram o termo e passaram a usá-lo para criar categorias de humanos. Sendo os Macho Alpha homens agressivos e dominantes que todas as mulheres querem e os Macho Beta homens fracos, que seriam sempre preteridos (MIGUEL, 2019).

14 “Em casos extremos, é necessário impressioná-la muito, ‘horrizando-a’ de forma calculada. Não vá ‘horrizá-la’ (SIC) de qualquer modo: impressione-a da forma correta, para que o resultado não seja um desastre. Uma boa forma de marcar-lhe a imaginação para que fique pensando em você por um bom tempo é assumir-se como machista (esclarecido, consciente, pacífico e protetor, é claro) pois seus rivais sempre fingirão que são feministas para agradar. O que interessa aqui é sobressair-se como um cara diferente, seguro, que não teme mostrar suas convicções e que não precisa de ninguém” (ALITA, 2005, p. 20).

sexo feminino, repetindo diversas vezes dogmas de não aproximação e criação de vínculo. Nos relacionamentos de Nessahan, a regra é não se relacionar. O “homem confiante” é aquele que tem medo de sofrer e demonstra isso o tempo todo.

E nada disso pode ser modificado, porque parte de premissas do determinismo biológico e de uma leitura enviesada do que Nessahan entendeu de Freud e Jung¹⁵. O autor mobiliza termos como “estrutura psíquica”, que prende os papéis de gênero à formação cerebral, tornando-os imutáveis, porque, de acordo com essa abordagem, essas questões são inerentes ao ser humano como espécie, a despeito do contexto social. Logo, em todas as sociedades, a meta existencial das mulheres seria a reprodução da família. E, por isso, a melhor maneira de atraí-las seria acumular poder para ser considerado um bom provedor. Toda dimensão socialmente construída dessa relação é ignorada, o que também é uma característica bastante comum no gênero da autoajuda.

O conteúdo de Nessahan Alita: o homem

O Homem de Nessahan é o tempo todo desresponsabilizado por seus erros. O ciúme, a agressividade e o ódio passional são vistos como algo da natureza masculina, o que retira da construção social todo tipo de agência do indivíduo. Ele também é ensinado a manipular o tempo todo, a lidar com as “espertinhas” e as “fujonas”. Ao longo do livro, o autor recomenda aproximações agressivas e defende que as mulheres, na verdade, gostam desse tipo de perseguição. Mais de uma vez afirma que elas gostam de ser assediadas, porque isso faz com que se sintam bem, afirma que elas “querem ser perseguidas para que possam rejeitar o perseguidor” (ALITA, 2005, p. 92).

O homem de Nessahan aparenta ser aquele que precisa acostrar a mulher para conseguir qualquer envolvimento sexual com ela. O autor narra situações em que, claramente, as mulheres não desejam o sujeito da história, mas, para isso, apresenta técnicas para que ainda assim eles obtenham as atividades sexuais que procuram, como, por exemplo, impor um *ultimatum* na relação ou manipulá-la: “Costuma ser muito

15 “A sexualidade humana é semelhante à dos cavalos, zebras e jumentos selvagens. As fêmeas espontaneamente se dirigem ao território de um garanhão, que se instala próximo às melhores fontes de alimento e água (recursos materiais), e oferecem-lhe seu sexo à vontade” (ALITA, 2005, p. 33).

eficiente também comunicar de maneira explícita que, ao recusar o sexo, a fujona está nos autorizando moralmente a trocá-la por outra, mesmo que o negue e não articule formalmente tal autorização” (ALITA, 2005, p. 92).

O autor afirma que todo contato da mulher com outros homens significa que elas estão, na verdade, desenvolvendo um plano de infidelidade. Não perceber a vida social da sua namorada/esposa como um perigo é lido como falta de experiência e ingenuidade¹⁶. E toda tentativa de negar as paranoias do homem de Nessahan são lidas como uma complexa rede de manipulação, que serve apenas como um esforço sádico de fazer aquele sujeito sofrer. Logo, ele precisa ser ativamente ciumento e regular toda a socialização da mulher com outros homens, sendo esse um “direito masculino:

Não se envergonhe e não aceite que digam que você é ciumento ou inseguro quando quiser que sua fêmea mantenha seus potenciais rivais a cem quilômetros de distância. Não aceite gratuitamente, sem explicações satisfatórias, que a mesma deixe que os machos se aproximem. É um direito masculino legítimo. (ALITA, 2005, p. 162)

Nessahan ainda acredita que, caso a namorada/esposa não se enquadre nos limites que o homem colocou, ela deve ser punida e tratada como “vadia”, “como um objeto, sem compromisso emocional algum”¹⁷ (ALITA, 2005, p. 156). Incentivar o ciúme e a posse nas relações heterossexuais no país em que quatro mulheres são mortas por dia por feminicídio¹⁸ só faz sentido dentro de uma narrativa paralela à realidade, que parece ser essa incentivada por escritos como o de Nessahan e alimentada pela comunidade na qual se insere.

16 “Está muito difícil encontrar companheiras que prestem para o casamento. Muitas mulheres estão adquirindo o hábito de se exporem às traições de forma sutil, facilitando-as por meio de situações ambíguas de aparência inocente, que costumam definir como sendo ‘sem maldade’ e que nos confundem completamente quando não somos experientes o bastante para desmascará-las. Tais situações, na verdade, são princípios de envolvimento com outros machos ou, no mínimo, de exposição voluntária e consciente aos desejos destes. Por seu caráter ambíguo, proporcionam um refúgio confortável às infielis para que se exponham e camuflam suas verdadeiras intenções, confundindo seus parceiros e esquivando-se de suas possíveis e justas iras” (ALITA, 2005, p. 156).

17 “Para cada uma destas atitudes excusas (sic), estabeleça uma consequência (sic) punitiva correspondente e moralmente justificável. [...] Se sua parceira faz isso, é potencialmente adúltera e você provavelmente deve ser corno. Então tome cuidado. Obrigue-a a assumir as consequências (sic) do que faz. E, neste caso, as consequências (sic) por flertar dissimuladamente com outros machos é ser tratada como uma “vadia” e como um objeto, sem compromisso emocional algum. Esta é a “punição” (ALITA, 2005, p. 163).

18 Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/12/07/femicidios-batem-recorde-no-1o-semester-de-2022-no-brasil-quando-repasse-ao-combate-a-violencia-contra-a-mulher-foi-o-mais-baixo.ghtml>. Acesso em: 1 out. 2023.

Considerações finais

Se o masculinismo ou a “luta pelos direitos dos homens”, que se manifesta em diversos espaços sociais, constitui um objeto a ser cada vez mais pesquisado, é fundamental que busquemos entender as bases de sua argumentação. Entender seus conteúdos e mecanismos retóricos se torna ainda mais importante em um momento em que esses discursos aparecem difundidos dentro de uma grande rede que se fortalece na mídia, na mesma medida em que debates sobre o feminismo e as diversas formas de violência de gênero ganham espaço, como uma resposta, uma espécie de *backlash*.

Dentro desse contexto, Nessahan chama atenção ao aparecer com bastante frequência nos espaços de discussão sobre os “direitos dos homens”, como nos exemplos citados ainda na Introdução deste artigo. No entanto, se ele tem algum “mérito”, é compilar boa parte desses argumentos utilizando o nome de pensadores legitimados para defender uma visão agressiva, misógina e violenta. Ignorando todas as vertentes das ciências sociais e da filosofia que não colaboram com determinismo biológico e compreendem seres humanos como consequências de estruturas sociais de poder.

O tipo de pensamento descrito nesses livros é uma versão elaborada, refinada, do que encontramos em materiais do que ficou conhecido como Pick Up Artists, espécie de *coaches* de sedução e conquista que fazem sucesso na internet. Essa obra, no entanto, contém todas as características de um manual de assédio, que relativiza o direito ao espaço privado feminino¹⁹ e naturaliza aproximações e manipulações emocionais. O texto é violento por duas razões principais: primeiro ele desumaniza as mulheres e depois ensina como utilizar força e manipulação para tirar proveito delas. E, a partir do princípio de que Nessahan não as vê como iguais, o uso das mais baixas formas de manipulação passa a ser legitimado.

A estrutura do discurso de ódio em forma de aconselhamento, aqui, baseia-se na constante negação do que se está fazendo. Nessahan afirma sua racionalidade

19 “É preciso que ela sinta o peso de sua determinação e o poder de sua sentença. Quase nunca é possível alcançá-las para falar-lhes pessoalmente, já que elas desligam o telefone e costumam ridiculamente se esconder e evitá-lo nas ruas para que você se sinta como se fosse um assediador. Então deve-se dispor de meios alternativos. O que importa é alcançá-las e chocá-las (sic), atingindo-as pesadamente nos sentimentos. Isso exige muita coragem e disposição para perder” (ALITA, 2005, p. 93). “Acostume-se a falar em tom imperativo, porém amável. O tom de voz imperativo forma uma frase musical descendente, do agudo para o grave (ex. ‘Vem cá.’ ou ‘Me encontre às três horas’). Não discuta, não suplique, não peça permissão porque a permissão das mulheres é para ser dada aos filhos e não aos homens” (Ibid, p. 136).

todo o tempo, inclusive admitindo ter pretensões científicas, mas escreve um texto permeado por um profundo ressentimento e desprezo em todas as partes em que fala das mulheres. Ele se entende como “livre-pensador” mas, na prática, reescreve o cânone masculinista com outras palavras. Embora afirme que não escreve autoajuda, adere fielmente às características principais do gênero, ou seja: escreve o texto em tom de conselhos baseados fortemente em uma experiência pessoal, autointitula-se um especialista no campo de abordagem e ignora as questões mais amplas, coletivas e materiais na construção de seu discurso.

Objetos de estudo como o que apresentou-se neste artigo costumam, muitas vezes, ser encarados a partir de uma lógica da “curiosidade excêntrica”, que passa por uma espécie de estranhamento quanto à relevância de colocarmos luz sobre essas obras. Alguns anos atrás poderíamos pensar nos textos produzidos por Nessahan como uma “bizarrice” típica da *deep web*, algo que não ganharia mais importância do que aquela reservada aos milhões de enunciados que surgem e desaparecem todos os dias na internet, ou até mesmo encará-lo como algo “engraçado”, de tão absurdo. O avanço da extrema direita e do discurso de ódio, que trouxe consigo não só a importância de figuras antes tidas como “folclóricas” como a de Olavo de Carvalho, além do aprofundamento de pautas morais nos debates cotidianos, escancarou a necessidade de aprofundarmos as pesquisas relativas a esse tipo de fenômeno comunicacional.

Esse tipo de enunciado promovido por figuras como Nessahan circula bastante em grupos de memes e em nichos majoritariamente masculinos na Internet. Se podemos pensar a dinâmica social a partir de um jogo de ação e reação, em que momentos de recrudescimento dos debates sobre pautas progressistas vêm sempre acompanhados de uma refutação por parte daqueles que têm seus poderes contestados, precisamos avaliar como isso é sentido em determinadas comunidades. Grupos formados por homens frustrados por rejeições são bastante comuns, principalmente jovens que não têm tantas referências reais de contato afetivo com mulheres. Presenciamos, nesse sentido, uma geração de homens que está crescendo com essas asserções, recebendo uma pedagogia de relacionamento sexual baseado nos problemáticos pressupostos citados.

Referências

- ALITA, N. *A Guerra da Paixão: As artimanhas e os truques ardilosos das mulheres no amor*. [S. l.]: Nessahan Alita, 2005. Disponível em: <https://nessahanalita.com/>. Acesso em: 18 jan. 2023.
- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BRUNELLI, A. F. Estereótipos da mulher no discurso de autoajuda. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, DF, v. 13, n. 2, p. 102-116, 2012.
- BUTLER, J. *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Unesp, 2021.
- CAMPBELL, C. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CARLSON, R. C. *Hate Speech*. Massachusetts: MIT Press, 2021.
- CASTELLANO, M. *Vencedores e fracassados: o imperativo do sucesso na cultura da autoajuda*. Curitiba: Appris, 2018.
- FREIRE FILHO, J. O poder em si mesmo: jornalismo de autoajuda e a construção da autoestima. *Famecos*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 717-745, 2011.
- GAGLIARDONE, I. Defining Online Hate and Its “Public Lives”: What is the Place for “Extreme Speech”? *International Journal of Communication*, Los Angeles, v. 13, p. 3068-3087, 2019.
- HUNTER, J. D. *Culture Wars: The Struggle to Define America*. Nova York: Basic Books, 1991.
- ILLOUZ, E. *Saving the modern soul: therapy, emotions, and the culture of self-help*. Berkeley: University of California Press, 2008.
- ILLOUZ, E. *Why Love Hurts: a sociological explanation*. Cambridge: Polity Press, 2019.
- LASCH, C. *Culture of narcissism: American life in an age of diminishing expectations*. Nova York: Norton Company, 1991.
- MIGUEL, V. M. *Discutindo amor romântico: classe média, cultura terapêutica e neoliberalismo*. 2021. Dissertação (Mestrado em Culturas e Territorialidades) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- ORING, E. *Engaging humor*. Illinois: University of Illinois Press, 2003.
- RIESMAN, D. *A multidão solitária*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SCOTT, W.; TROTT, V.; JONES, C. "The pussy ain't worth it, bro": assessing the discourse and structure of MGTOW. *Information, Communication & Society*, Londres, v. 23, n. 6, 2020.

SENNETT, R. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TAYLOR, C. *A ética da autenticidade*. São Paulo: Realizações, 2011.

VILAÇA, G.; D'ANDRÉA, C. Da manosphere à machosfera: Práticas (sub)culturais masculinistas em plataformas anonimizadas. *Revista Eco-Pós*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 410-440. DOI: <https://doi.org/10.29146/ecopos.v24i2.27703>

submetido em: 17 jul. 2023 | aprovado em: 14 out. 2023